

ECOLOGIA, UM CAMINHO DE ESPIRITUALIDADE

Ildo Bohn Gass

“Pois sabemos que a criação inteira geme e sofre as dores de parto até o presente” (Rm 8,22).

Introdução

Jovens têm uma sensibilidade especial em relação à vida e ao cuidado com a vida. Nesse sentido, nossa reflexão bíblica quer ser uma faísca a contribuir no engajamento em defesa da ecologia, da qualidade de vida na grande *casa* em que vivemos, o planeta Terra.

Mahatma Gandhi já dizia: “Há o suficiente na terra para suprir as necessidades de todo mundo, mas não para as ganâncias de todo mundo”. A vida no planeta está em perigo. Por isso, é urgente uma nova postura diante da criação. E isso é tarefa de toda humanidade. No entanto, os mais variados grupos de jovens, por seu dinamismo profético, são protagonistas no trabalho ecológico.

Não é suficiente *reciclar*, utilizar materiais para produzir outros. Também não basta *reutilizar* objetos e embalagens. Mais que reciclar e reutilizar importa *reduzir* a produção de resíduos e de lixo. Reduzir o consumo, optando, por exemplo, pelos produtos que não tenham embalagens ou que possuam menos embalagens. A juventude pode, sim, intervir direta e ativamente na luta pela preservação da vida em todas as suas dimensões¹.

Reciclar, reutilizar e reduzir supõe uma nova mentalidade, uma mística ecológica. Faz-se necessário uma espiritualidade de cuidado da vida. E a Palavra bíblica tem muito a nos dizer. Pode nos ajudar a redescobrir o rosto de Deus na sua criação.

Quando admiramos a criação, temos motivos de sobra para cantar com quem compôs o Salmo 8: “Quando me extasio a olhar o céu estrelado, quando contemplo as noites de luar e penso que foste Tu seu criador, eu me pergunto: Que valor imenso não deve ter o ser humano, para estar sempre na tua lembrança e ser tratado com tanto carinho?” (Sl 8,4-5). É uma atitude de gratidão diante da criação e de seu criador. Diante

1. Sugerimos três páginas da internet que podem dar pistas de como melhor contribuir no cuidado com o ambiente em que vivemos, com o consumo e a produção de lixo, sobre os direitos sociais e ambientais, bem como sobre a forma de organizar grupos de defesa ecológica.
www.youtube.com/watch?v=lgmTtPzL14E; www.socioambiental.org; www.abcdaeologia.hpg.ig.com.br

de tantas maravilhas, isto é, de tantos milagres que revelam o criador, só nos resta admirar, contemplar e entrar na lógica da criação, gerando vida, amando a natureza e cuidando do mundo de modo a tornar plena a sinfonia do universo.

Contudo, o que vemos quando olhamos ao nosso redor? Tratamos mal a nossa casa, a terra. Colocamos a vida em perigo, somos predadores violentos e desequilibramos o ecossistema. Esgotamos os recursos naturais. Desperdiçamos água e andamos demais de carro. Exploramos a terra para tirar lucro a qualquer custo e privatizamos riquezas em mãos de poucos, enquanto a maioria vive na pobreza. Destruímos rios, florestas, animais, oceanos e geleiras.

Diante dessa realidade, não é por acaso que a Campanha da Fraternidade de 2011 assume como tema a defesa da vida no planeta, chamando a nossa atenção e a nossa responsabilidade. E seu hino oficial deixa claros os seus objetivos. Vejamos:

Hino da CF 2011 – CNBB

Composição: José Antônio de Oliveira / Casimiro Nogueira

1. Olha, meu povo, este planeta terra: / Das criaturas todas, a mais linda!
Eu a plasmei com todo amor materno, / Pra ser um berço de aconchego e vida.

Nossa mãe terra, Senhor, / Geme de dor noite e dia.
Será de parto essa dor? / Ou simplesmente agonia?!
Vai depender só de nós! / Vai depender só de nós!

2. A terra é mãe, é criatura viva; / Também respira, se alimenta e sofre.
É de respeito que ela mais precisa! / Sem teu cuidado ela agoniza e morre.

3. Vê, nesta terra, os teus irmãos. São tantos... / Que a fome mata e a miséria humilha.
Eu sonho ver um mundo mais humano, / Sem tanto lucro e muito mais partilha!

4. Olha as florestas: pulmão verde e forte! / Sente esse ar que te entreguei tão puro...
Agora, gases disseminam morte; / O aquecimento queima o teu futuro.

5. Contempla os rios que agonizam tristes. / Não te incomoda poluir assim?!
Vê: tanta espécie já não mais existe! / Por mais cuidado implora esse jardim!

6. A humanidade anseia nova terra. / De dores geme toda a criação.
Transforma em Páscoa as dores dessa espera, / Quero essa terra em plena gestação!

Teocentrismo, antropocentrismo e biocentrismo

Gostaria, agora, lembrar três grandes cosmovisões na história do Ocidente. A questão é muito mais complexa, mas recordamos essas fases para melhor compreender o momento que vivemos hoje.

A primeira visão de mundo é o “teocentrismo”, *Deus* como centro do universo, tudo por ele foi criado e por ele é dirigido. Esse pensamento foi dominante no Ocidente desde a Idade Antiga até o final da Idade Média, século XV.

Com o advento da época renascentista na Idade Moderna a partir do século XV, passa-se gradualmente para o “antropocentrismo”. Agora, o *ser humano* passa a ser o centro do universo, como medida de todas as coisas. Tudo deve ser considerado a partir e em função do ser humano. Passamos a relacionar-nos com a natureza de forma utilitarista, como se ela estivesse aqui somente para nos servir. A liberdade humana é considerada um valor fundamental. Na verdade, o que prevaleceu foi a liberdade individual, em detrimento do direito de todos os seres à liberdade. Em consequência, os homens com poder passaram a ser a medida de todas as coisas.

Essas duas cosmovisões têm como horizonte comum o “androcentrismo”, isto é, uma cultura em que o poder está nas mãos do *varão*, do sexo masculino. Daí porque, por exemplo, a tentativa de se eliminar as imagens femininas do sagrado na edição final das escrituras judaicas, o Primeiro Testamento da Bíblia cristã. Ali, elaborou-se uma imagem majoritariamente masculina de Deus, como pai, todo poderoso, general dos exércitos, justiceiro. E mesmo no antropocentrismo, embora o ser humano seja a medida de todas as coisas, a condição da mulher continuou sendo de inferioridade em relação ao homem. O sistema patriarcal continuava. Nesse sentido, a sujeição da mulher e a exploração da natureza, bem como dos pobres, andam juntas. É por isso que a luta pelo resgate da dignidade da natureza e dos direitos da mulher e de quem está na pobreza também caminham de mãos dadas. É o que conhecemos por ecofeminismo.

Por fim, veio o “biocentrismo”, isto é, a *vida* como uma rede de conexões interdependentes e equilibradas, superando uma visão hierárquica que considera o ser humano superior às demais criaturas. Todas as formas de vida são igualmente importantes. E isso implica a superação do sistema do patriarcado alojado em todas as instituições, sejam familiares, religiosas, políticas, econômicas, pedagógicas, sociais e culturais.

A terra não pertence ao ser humano: é o ser humano que pertence à terra

Os povos tradicionais, como os indígenas, compreendem a vida a partir dessa cosmovisão, como se pode constatar na fala do cacique Seattle a seu povo na ocasião em que o presidente dos Estados Unidos propôs comprar suas terras. Eis alguns trechos de seu discurso:

“Como podes comprar ou vender o céu, o calor da terra? Tal ideia nos é estranha. Se não somos donos da pureza do ar ou do resplendor da água, como então podes comprá-la? Cada torrão desta terra é sagrado para o meu povo, cada folha reluzente de pinheiro, cada praia arenosa, cada véu de neblina na floresta escura,

cada clareira e inseto a zumbir são sagrados nas tradições e na consciência do meu povo.

Somos parte da terra e ela é parte de nós. As flores perfumadas são nossas irmãs. O cervo, o cavalo, a grande águia são nossos irmãos. As cristas rochosas, os cumes da campina, o calor que emana do corpo de um cavalo e o homem, todos pertencem à mesma família.

Esta água brilhante que corre nos rios e regatos não é apenas água, mas sim o sangue de nossos ancestrais. Se te vendermos a terra, terás de te lembrar que ela é sagrada. O rumorejar d'água é a voz do pai de meu pai. Os rios são nossos irmãos, eles apagam nossa sede. Os rios transportam nossas canoas e alimentam nossos filhos. Se te vendermos nossa terra, terás de te lembrar e ensinar a teus filhos que os rios são irmãos nossos e teus. Terás de dispensar aos rios a afabilidade que darias a um irmão.

Sabemos que o homem branco não compreende o nosso modo de viver. Para ele um lote de terra é igual a outro, porque ele é um forasteiro que chega na calada da noite e tira da terra tudo o que necessita. A terra não é sua irmã, mas sim sua inimiga. Ele trata sua mãe, a terra, e seu irmão, o céu, como coisas que podem ser compradas, saqueadas, vendidas como ovelha ou miçanga cintilante. Sua voracidade arruinará a terra, deixando para trás apenas um deserto.

O ar é precioso para o homem vermelho, porque todas as criaturas respiram em comum: os animais, as árvores, o homem. O homem branco parece não perceber o ar que respira. Como um moribundo em prolongada agonia, ele é insensível ao ar fétido. Mas se te vendermos nossa terra, terás de te lembrar que o ar é precioso para nós, que o ar reparte seu espírito com toda a vida que ele sustenta. O vento que deu ao nosso bisavô o seu primeiro sopro de vida também recebe o seu último suspiro. E se te vendermos nossa terra, deverás mantê-la reservada, feita santuário, como um lugar em que o próprio homem branco possa ir saborear o vento, adoçado com a fragrância das flores campestres.

Ensina a teus filhos o que temos ensinado aos nossos: que a terra é nossa mãe. Tudo quanto fere a terra fere os filhos da terra. Se os homens cospem no chão, cospem sobre eles próprios. De uma coisa sabemos. A terra não pertence ao homem: é o homem que pertence à terra. Disso temos certeza. Todas as coisas estão interligadas, como o sangue que une uma família. Tudo está relacionado entre si. Tudo quanto agride a terra agride os filhos da terra. Não foi o homem quem teceu a trama da vida. Ele é meramente um fio da mesma. Tudo o que ele fizer à trama a si próprio fará.

(Fonte: http://www.ufpa.br/permacultura/carta_cacique.htm)

Profetas da ecologia

No decorrer da história, sempre houve profetas e profetisas que resgataram essa espiritualidade ecológica. Entre eles, Francisco de Assis foi quem mais se notabilizou, vivendo no seu cotidiano o biocentrismo. Ele considerava todas as criaturas suas irmãs, como podemos perceber em seu Cântico das Criaturas.

Cântico das Criaturas

Francisco de Assis – versão de Zé Vicente

Onipotente e bom Senhor / A ti a honra, glória e louvor
Todas as bênçãos de ti nos vêm / E todo o povo te diz amém

Louvado sejas nas criaturas / Primeiro o sol lá nas alturas
Clareia o dia, grande esplendor / Radiante imagem de ti, Senhor

Louvado sejas pela irmã lua / No céu criaste, é obra tua
Pelas estrelas, claras e belas / Tu és a fonte do brilho delas

Louvado sejas pelo irmão vento / E pelas nuvens, o ar e o tempo
E pela chuva que cai no chão / Nos dás sustento, Deus da criação

Louvado sejas, meu bom Senhor / Pela irmã água e seu valor
Preciosa e casta, humilde e boa / Se corre, um canto, a ti entoa

Louvado sejas, ó meu Senhor / Pelo irmão fogo e seu calor
Clareia a noite, robusto e forte / Belo e alegre, bendita sorte

Sejas louvado pela irmã terra / Mãe que sustenta e nos governa
Produz os frutos, nos dá o pão / Com flores e ervas sorri o chão

Louvado sejas, ó meu Senhor / Pelas pessoas que em teu amor
Perdoam, sofrem tribulação / Felicidade em ti encontrarão

Louvado sejas pela irmã morte / Que vem a todos, ao fraco e ao forte
Feliz aquele que em ti amar / A morte eterna não o matará

Bem-aventurado quem guarda a paz / Pois o Altíssimo satisfaz
Vamos louvar e agradecer / Com humildade ao Senhor bendizer.

Esta profecia foi criando corpo e, na Idade Contemporânea, a partir do século XVIII, cada vez mais vozes proféticas foram denunciando a destruição da vida no planeta e formulando um novo modo de olhar para toda criação, o biocentrismo. A voracidade humana para dominar a natureza se fortaleceu com o triunfo do capitalismo no século XVI na Europa. Diante das consequências desastrosas para a vida por causa da busca desenfreada de lucro a todo custo, foi crescendo a consciência da dignidade da vida, da ecofilia, isto é, do *amor* à grande *casa* em que vivemos. Consciência que se acentuou especialmente nas duas últimas décadas do século XX, já na Pós-modernidade.

Dito isto, vamos agora olhar a primeira narrativa da criação, que serve de porta de entrada à Bíblia. Esta Palavra quer nos ajudar a ler o grande livro que Deus nos deu de presente, ou seja, a natureza. Nela podemos enxergar, ler e escutar o que Deus nos quer mostrar. Leonardo Boff afirma: “precisamos reaprender a ler o livro da natureza. Hoje, ela está sendo devastada. E com isso destruimos nosso acesso à revelação de Deus. Temos, pois, que falar da natureza e do mundo à luz de Deus e da razão. Sem a natureza e o mundo preservados, os livros sagrados perderiam seu significado que é reensinar-nos a ler a Palavra de Deus na natureza e no mundo”. Portanto, o sentido da leitura da Bíblia é que ela é uma mediação para nos ajudar a ler a Palavra de Deus da vida, no cosmos.

Duas narrativas da criação

A Bíblia não é um livro de ciências naturais. É teologia, isto é, são narrativas que fazem memória da reflexão sobre experiências com Deus na vida cotidiana de pessoas, comunidades e de um povo. Por ser linguagem teológica, é repleta de imagens, de símbolos e metáforas. Pela nossa condição humana, não alcançamos plenamente o mistério que está além de nossa percepção. Por outro lado, nenhuma das imagens que usamos para falar do sagrado consegue explicitar a profundidade e a totalidade do mistério divino.

É, pois, necessário outro olhar para os textos bíblicos. Um olhar que não busque verdades científicas nos relatos ali contidos. Nesse sentido, já no início do século V, ao se referir ao simbolismo presente na Bíblia, Santo Agostinho alertava que “Deus quer fazer bons cristãos, não matemáticos”. E, no início do século XVII, Galilei dizia que “a Bíblia ensina como se vai ao céu, não como vai o céu”.

Convém ter isso presente, ao olharmos para as duas narrativas da criação logo no início de Gênesis (Gn 1,1–2,4a e Gn 2,4b–24). Cada uma, do seu jeito e em seu tempo, quer animar a esperança das pessoas a quem se destina. Os compiladores dos textos, na edição final do Primeiro Testamento, não estavam preocupados com as diferenças, nem com as contradições existentes nos dois relatos.

Alguns exemplos: A primeira narrativa é mais ampla que a segunda, e a criação das pessoas faz parte da obra criadora somente de um dos sete dias e ainda junto com todos os demais animais que vivem em terra firme. Enquanto isso, no segundo relato, a criação do ser humano é o assunto dominante em toda descrição. Na primeira narrativa, Deus é chamado de *Elohim* e cria através da Palavra (“E Deus disse”). Na segunda narração, Deus é mencionado por seu nome, *Yahweh*, quase não fala nada e cria enquanto imagem de oleiro, de camponês e de médico. Para não nos alongarmos muito, citemos somente mais uma diferença. As duas histórias da criação começam com situações caóticas. Na primeira, o caos primitivo é representado pelas imagens de deserto, trevas e tempestade em alto-mar. Na segunda, o caos é a seca que impedia o surgimento de plantação. São duas imagens distintas, porém, situações de caos, como era a vida dos autores e destinatários das duas obras literárias. Da mesma forma como Deus supera as circunstâncias caóticas criando vida harmoniosa, também os textos querem animar o povo na luta pela superação do caos em que ele vivia, em direção a uma vida livre e de justiça.

Assim, podemos dizer que, mais do que nos perguntarmos se foi assim como está descrito, como se fosse filmagem dos acontecimentos, é preciso que nos perguntemos sobre o significado teológico de cada relato. É o que tentaremos fazer em relação à primeira narrativa, tendo como recorte hermenêutico um olhar ecológico.

Gn 1, uma narrativa poética

Gn 1 é poesia. E, tal como as demais genealogias presentes nos primeiros capítulos de Gênesis e que fazem listas de gerações, de clãs e de famílias, também a primeira narrativa canta a genealogia da criação, isto é, a lista das obras de Deus, ou, ainda, a lista dos sete dias da criação. A poesia termina assim: “Essa é a genealogia do céu e da terra, quando foram criados” (Gn 2,4a).

Os refrãos que vão se entrelaçando são sinal da linguagem poética de Gn 1. Veja os seguintes exemplos:

- “E Deus disse” (dez vezes): v. 3.6.9.11.14.20.24.26.28.29.
- “E Deus viu que era bom/boa” (sete vezes): v. 4.10.12.18.21.25.31.
- “Houve uma tarde e uma manhã” (seis vezes): v. 5.8.13.19.23.31.
- “E assim se fez” (cinco vezes): v. 7.9.11.15.24.

Situando o texto

Se a redação da segunda narrativa é da época do reinado, em torno do ano 900 aC, o primeiro relato é do período do exílio na Babilônia no século VI aC. Embora esteja colocado antes da segunda história da criação, nosso texto é de data posterior.

Os autores de Gn 1,1–2,4a são dos mesmos círculos que nos legaram os capítulos 40 a 55 do livro de Isaías. Ambos os textos querem ser um sinal de esperança para as elites do estado de Judá que haviam sido levadas para a Mesopotâmia como prisioneiros de guerra pelos babilônios. Ali, eram oprimidos pelos verdugos, como bem descreve o Salmo 137. Esperavam por um novo Êxodo. Resistem contra a imposição da cultura, da religião e do trabalho forçado por parte do império colonialista.

Portanto, nossa poesia é texto de resistência contra a imposição das divindades babilônicas, contra o trabalho de servidão imposto pelas forças de repressão da Babilônia. Fundamentalmente, quer manter a identidade judaica das pessoas exiladas em meio a um mundo hostil. Quer reforçar suas crenças para não sucumbir à imposição cultural dos opressores e lutar por descanso que não lhes era permitido. Descanso igual ao de Deus no sétimo dia após a criação.

Libertando o texto

Antes de tudo, precisamos libertar o texto das leituras que foram feitas para justificar o dualismo bem como a exploração da terra e dos animais.

Um primeiro ponto é superar uma leitura dualista do texto. Várias vezes, aparecem oposições, como luz e trevas, tarde e manhã, águas acima e águas sob o firmamento, terra e mar, homem e mulher. Um olhar dualista nos leva a estabelecer hierarquia entre a dualidade da vida. Ela é dual, sim. Mas isso não significa que a luz tenha poder maior que as trevas. O que há é uma complementaridade. Se a luz vence as trevas ao amanhecer, igualmente as trevas vencem a luz ao entardecer. O mesmo vale para as relações entre mulheres e homens, como veremos adiante.

Um dos textos da Bíblia muito usados para explorar a natureza foi tirado dessa narrativa da criação. Em nome da fala atribuída a Deus (“submetam a terra, dominem os peixes do mar, as aves do céu e todos os seres vivos que rastejam sobre a terra”), cometemos crimes contra a vida, contra a natureza, contra pessoas, contra a mãe terra. Dessa forma, justifica-se o agronegócio, as monoculturas, o hidronegócio, o extermínio de peixes, aves e de animais terrestres, o envenenamento e a desertificação, a exploração dos pobres, etc. Mas será isso que o texto quer dizer?

Gn 1,1-2: Título e descrição do caos

O v. 1 é o título da poesia. Deus é criador de todo o cosmos. Todos os corpos celestes são criaturas de Deus da mesma forma como também nós somos.

Por um lado, uma espiritualidade ecológica nos leva a uma atitude de gratidão pela vida que recebemos como dom, como graça. Convida-nos a buscar a comunhão com o criador que continua nos recriando permanentemente. Estar em sintonia com a energia amorosa da criação é um dos segredos para ter um sentido mais qualificado para viver.

Por outro lado, ajuda-nos no resgate da consciência de que “não é a terra que pertence ao ser humano, mas é o ser humano que pertence à terra”, como disse o cacique Seattle. Ajuda-nos a ver em todas as criaturas irmãs e irmãos nossos, como cantava Francisco de Assis. E ser irmão ou irmã de todos os seres nos impulsiona à solidariedade com todas as formas de vida, especialmente com a que está mais ameaçada e oprimida.

O v. 2 descreve uma situação de caos sobre a terra. Ela está deserta, coberta de trevas e o mar está agitado por uma tempestade. Essa imagem quer mostrar que a harmonia que conduz o cosmos é fruto da ação de Deus, uma vez que sua Palavra criadora transforma o caos em vida boa. Por outro lado, a imagem de caos é também uma referência à situação de sofrimento e opressão vivida pelos exilados na Babilônia. A criação do universo conduz para a recriação também da dignidade para aquele povo.

Gn 1,3-5: 1º dia – Deus vence o caos das trevas

Deus cria a luz pela Palavra. O fato de a luz ser criada independente do sol, que é criado somente no quarto dia, deve ser uma polêmica dos exilados com as divindades astrais babilônicas. Naquele contexto, o sol, como rei dos astros, era considerado o Deus maior. Os exilados afirmam que o Deus que cultuam está acima do sol, uma vez

que cria luz sem precisar dessa estrela. Assim, resistem contra a imposição das divindades astrais (sol, lua, Vênus) cultuadas pelos seus algozes.

Uma das raras definições de Deus que aparecem na Bíblia é justamente que Deus é luz (1Jo 1,5; Sl 27,1). Deus é a luz da vida, a energia que sustenta toda vida. Jesus de Nazaré, por viver em íntima comunhão com o Pai, foi um com Ele (Jo 10,30) e refletiu a mesma luz divina, luz para a humanidade (Jo 8,12; 9,5). E mais. Chamou-nos a participar da sua filiação a fim de sermos, como ele, verdadeiramente livres (Jo 8,31-36) e refletirmos igualmente a luz de Deus (Mt 5,14).

A centelha divina, a sua energia criadora está em toda a sua criação. Por isso, a terra está repleta da glória de Deus. Ela revela o rosto de Deus. Sua presença amorosa está manifesta em toda a natureza. As criaturas revelam seu criador. A natureza não é Deus, mas Deus está presente em toda ela. Por isso, fazer comunhão respeitosa com a natureza é entrar também em íntima união com seu criador.

Deus cria pela Palavra. Suas palavras são de bênção, de bendizer, carregadas de energia boa que sustenta a vida de todos os seres, como canta o salmista: “Envias teu sopro e eles são criados, e assim renovas a face da terra” (Sl 104,30). Palavras que geram vida. E nossas palavras promovem o quê? Sim, porque palavras também podem humilhar, discriminar e matar. Não é por acaso que Pe. Zezinho canta: “Dá-me a palavra certa, na hora certa e do jeito certo e pra pessoa certa”.

“E Deus viu que era bom”. Este é um dos refrãos que é repetido sete vezes, como vimos acima. Sendo este o número da plenitude, da perfeição, afirmar sete vezes que a criação é boa é dizer que toda criatura tem dignidade. É afirmar que a terra é um espaço gostoso, harmonioso e bonito. Se hoje está tão ferida em sua dignidade pela ação predatória do ser humano, ao ponto de ela “gemer de dor noite e dia”, como diz o hino da Campanha da Fraternidade, esse não é o projeto de Deus para nosso planeta. E isso depende de nós, está em nossas mãos como cocriadores de Deus que somos. Nosso destino depende ou da nossa cooperação ou se permanecemos vítimas da ganância autodestrutiva dos poderosos.

Gn 1,6-8: 2º dia – Deus vence as águas caóticas

Como os autores do texto não tinham os recursos científicos a que nós já temos acesso hoje, não imaginavam a terra redonda. Sua cosmovisão era de que o espaço habitável era rodeado de água. Havia as águas inferiores e as águas superiores. Por isso, a segunda obra de Deus é construir o firmamento pela Palavra. Na época imaginavam o firmamento azulado como uma cobertura material que separava as águas de cima das águas de baixo. Dessa forma, Deus cria um espaço em meio à água para possibilitar a vida.

As águas passam de uma situação de caos, fortemente agitadas por um vento impetuoso, para uma nova situação que permite o surgimento da vida. “A água é o sangue da terra”, título de um livro editado por New Age Comunicação. E o índio Seattle nos convida a amarmos todas as fontes, riachos e mares como amamos os nos-

sos irmãos. E o que fazemos com nossos rios e oceanos? Como usamos a água que chega até nossos lares?

Gn 1,9-13: 3º dia – Deus cria mares e vence o deserto na terra

Diferentemente dos dias anteriores, no terceiro dia, a Palavra criadora faz duas obras. Primeiro, junta as águas nos mares para que a terra firme pudesse aparecer. Deus criou a terra em que vai colocar todos os animais e o ser humano entre eles. Deu a terra para todos dela desfrutar. Mas o que fez a nossa ganância com a terra? Quantos latifúndios existem nas mãos de poucos magnatas? Quanta terra representam as propriedades de agricultura familiar? Quantas famílias foram forçadas pelo sistema econômico vigente a deixar suas terras? Onde está escrito que há pessoas que têm direito a se apropriar de extensas áreas enquanto tantas famílias vivem sem terra? Não é um direito de toda pessoa ter parte na herança, como canta Flávio José na composição de Petrucio Amorim: “Boi com sede bebe lama, barriga seca não dá sono. Eu não sou dono do mundo, mas tenho culpa, porque sou filho do dono”?

Depois, a segunda obra transforma essa terra ainda deserta em um jardim verdejante, em um pomar com muitas frutas. Todas as ervas e as árvores frutíferas produzem sementes “segundo a sua espécie”. E hoje, na ânsia de lucrar sempre mais, quantas florestas destruímos e quanto veneno jogamos em meio às plantações, especialmente nas culturas transgênicas? Como preservamos as florestas, os pântanos, o cerrado e todos os biomas com sua vegetação característica? Fazemos rotação de culturas? Deixamos que ela se recupere diante de tudo que extraímos do solo? Praticamos agricultura orgânica?

As ervas servem de alimento para todos os animais herbívoros e as suas sementes alimentam os passarinhos. Jesus diria mais tarde que o criador providencia alimento às aves e vestimenta às plantas. E nos convida a vivermos na mesma simplicidade, sem apegar-nos nem acumular riquezas. O mais importante é o projeto de Deus e a sua justiça. Então, todas as necessidades serão atendidas (Mt 6,24-34).

Gn 1,14-19: 4º dia – Deus cria os luzeiros no céu

Já vimos que a criação da luz sem o sol no primeiro dia quer polemizar com as divindades astrais babilônicas. De fato, esse era um tema central a ser refletido nessa poesia. Foi justamente no dia do meio, no quarto dia, que Deus criou os astros. Por se encontrar no centro da narrativa, os autores querem dizer o quanto precisavam resistir contra a imposição das divindades do império opressor. Chama a atenção que eles nem se referem aos astros pelo seu nome. Dizem apenas luzeiro maior e luzeiro menor, a fim de evitar pronunciar os nomes das principais divindades babilônicas. E mais. Negam a esses astros o atributo divino. Eles não são divindades. São criaturas de *Yahweh*, que as pendura no firmamento para cumprirem nada mais e nada menos que sua função: iluminar a terra, comandando o dia e a noite.

Gn 1,20-23: 5º dia – Deus cria vida nas águas e no céu

Nos quatro primeiros dias, Deus cria as condições para o surgimento da vida animal no planeta. Já temos luz, ar, firmamento, água, terra, plantas com frutas e sementes. No quinto dia, Deus cria todas as espécies de animais nas águas, bem como todos os tipos de aves que voam no céu.

Agora, aparece uma novidade. Deus abençoa os peixes e os pássaros. E a bênção consiste na fecundidade, de modo que os peixes encham as águas e as aves se multipliquem sobre a terra.

Todos os dias, somos acordados por uma verdadeira orquestra, com os mais variados sons. É o canto dos pássaros saudando o novo dia. E somos convidados e convidadas a completar essa sinfonia da natureza. Em *Abre a janela meu bem*, Zé Vicente canta assim:

“Deixa a brisa da manhã te abraçar.
Vê a rosa no canteiro a te sorrir.
Vou pedir galo-campina pra cantar.
Vou mandar te dar bom-dia o bem-te-vi”.

E o que nós fazemos com os peixes e as aves? Quanta crueldade praticamos contra as baleias e outros seres marinhos? Quanta poluição, quanto lixo jogamos no mar e nos rios? Quantas geleiras já derretemos por provocarmos o superaquecimento na terra? E as aves? Quantas espécies já foram extintas? Quanto veneno jogamos em sua comida? Quantos pássaros aprisionamos em gaiolas? Antonio Gringo, em *Cativeiros*, assim canta:

“Não tem preço, a liberdade não tem dono.
Só quem é livre sente prazer em cantar.
Se um passarinho canta mais quando está preso,
é no desejo de um espaço pra voar”.

Onde fica o cuidado da vida? Em que dimensão consideramos aves e peixes nossos irmãos e irmãs?

Gn 1,24-31: 6º dia – Deus cria vida em terra firme

Da mesma forma como no terceiro dia, temos aqui novamente duas obras criadoras. Primeiro, os animais em terra firme. Depois, o ser humano.

É significativo que os animais terrestres foram criados no mesmo dia que o ser humano, o que os aproxima ainda mais. Sugere uma solidariedade ainda maior entre pessoas e animais. Chama a atenção que, nesta primeira narrativa da criação, a humanidade não foi autorizada a matar animais para sua alimentação, como veremos em seguida.

A segunda obra do sexto dia é a criação das pessoas. A palavra hebraica aqui usada é *adam*, que significa humanidade, pessoas. Somente no final do v. 27 vai di-

zer que “macho e fêmea ele os criou”. Temos aqui mais um elemento que revela nossa pertença à terra, como disse Seattle. *Adam* vem de *adamah*, que significa terra, chão. Também somos natureza. Não estamos somente em meio à natureza. Somos parte dela. Tomar consciência dessa pertença e interdependência ajuda-nos a desenvolver uma verdadeira espiritualidade ecológica, uma nova atitude de cuidado de todas as formas de vida.

Três vezes a narrativa afirma que Deus nos criou à sua imagem (v. 26-27) e uma vez que nos fez à sua semelhança (v. 26). Certamente, são várias coisas que isso nos quer ensinar.

Naquele tempo, os reis se apresentavam como a encarnação das divindades. Isso fazia parte de seu sistema ideológico para melhor dominar o povo. Se o rei é imagem da divindade, mais facilmente subjuga seus súditos. No entanto, o texto afirma que toda humanidade é imagem de Deus e espelha o criador em sua criatura. Essa não é somente dignidade dos monarcas, mas é dignidade de todas as pessoas. Ao mesmo tempo, é um convite ao ser humano a corresponder com sua dignidade divina e viver conforme o seu criador. No ser humano, o divino se humaniza e o humano se diviniza. E isso em todas as pessoas e não somente nos reis, como rezava a teologia da filiação divina dos reis. E, em nosso meio, qual é a dignidade das pessoas? Todas têm acesso à comida saudável e à água potável, à vestimenta digna e à moradia adequada, à saúde plena e à liberdade cidadã (cf. Mt 25,35-36)? Por quê?

Outro ponto significativo é que macho e fêmea – é assim que o texto original se expressa –, que homem e mulher são criados juntos como seres humanos. Nem um antes, nem outro depois, mas juntos. E mais. Ambos são criados à imagem e semelhança de Deus. Aqui está uma profunda consciência da mesma dignidade tanto do homem como da mulher, chamados a viverem relações de parceria e reciprocidade, de respeito e de companheirismo.

Também a imagem divina tem mais rostos. Não somente imagem masculina, mas igualmente feminina. Não só a metade da humanidade, os homens, tem o direito de ver sua imagem representando o divino, mas também a outra metade, as mulheres, tem igualmente o mesmo direito. E isso reforça ainda mais a igualdade em dignidade. Entre mulheres e homens, diferenças sim, mas desigualdades jamais. Por isso, é urgente a luta para superar as relações patriarcais que ainda estão fortemente presentes em nossas instituições. A conquista de relações paritárias na questão de gênero é um passo enorme no cuidado do ambiente natural, uma vez que o mesmo sistema que considera o homem superior e oprime a mulher, explora também os pobres e a natureza.

Já vimos acima que é preciso libertar os verbos submeter e dominar (v. 26.28) da manipulação feita com vistas à exploração e abusos praticados contra a terra e os animais. É verdade que são palavras emprestadas da linguagem de reis e imperadores. Submeter e dominar eram atributos seus. No entanto, esta poesia celebra o domínio de Deus sobre toda criação. Como vimos, é um domínio de cuidado pela criação, de amor para com todas as criaturas, de um permanente recriar. E, ao criar o ser humano à sua imagem e semelhança, o chama a participar desse domínio amoroso, de cuidado. É o

mesmo significado da missão da humanidade no segundo relato da criação, em Gn 2,15: “*Yahweh* Deus tomou a humanidade e a colocou no jardim das delícias para cultivá-lo e cuidá-lo”.

Assim como os peixes e as aves haviam sido abençoados, também mulheres e homens receberam a bênção da fecundidade. Multiplicando-se, na verdade, reproduzem a própria imagem de Deus, de quem são semelhantes (v. 27-27; cf. 5,3).

A alimentação permitida para animais e para todas as pessoas, nesta narrativa, são as ervas que dão semente e as árvores frutíferas e que também produzem frutos e sementes. Portanto, é alimentação vegetariana. Talvez seja uma resistência ao abate indiscriminado de animais para os sacrifícios nos templos e para os banquetes na corte. Esta imagem reforça a ideia da convivência harmoniosa entre as pessoas e os animais. Segundo Gn 9,1-4, somente depois do dilúvio é liberada a carne para consumo humano.

A alimentação simples e natural é um convite a viver com o necessário, sem supérfluos. Mas, infelizmente, a propaganda do capital conseguiu nos convencer de que o supérfluo é necessário. A adoração da riqueza levou a ideologia dominante a colocar nas mentes e nos corações o consumismo, a liberdade individual, os interesses pessoais. Se trilharmos por este caminho, estamos indo para a destruição definitiva da vida no planeta. Por isso é urgente mudar de rumo.

“Deus viu tudo o que tinha feito: e era muito bom” (v. 31). Ao concluir o sexto dia, Deus diz pela sétima vez que era bom o que havia criado. E mais. Diz que era muito bom. Certamente, esse muito quer acrescentar algo no lugar que o ser humano ocupa nessa poesia sobre a criação. Ele tem uma responsabilidade especial. Como a humanidade é o estágio consciente da criação, ele não tem o direito de usar as criaturas ao seu bel-prazer. Ao contrário, aumenta sua responsabilidade de cuidar, de amar todas as formas de vida, uma vez que também faz parte dessa trama de relações. Já não basta a defesa e promoção dos direitos humanos. Da mesma forma, é preciso cuidar dos direitos da terra, dos direitos da água, dos direitos dos animais, dos direitos das plantas, etc.

Como o número seis ainda não chegou à plenitude, à completude, a obra criadora ainda não foi concluída. Deus recria a vida permanentemente. E o ser humano é chamado a ser cocriador nesse mistério da vida.

Gn 2,1-4a: 7º dia – Deus descansa e abençoa o sábado

Já percebemos que a estrutura dos sete dias nesta narrativa destaca os temas-chave. Um dos temas principais em questão era a polêmica contra as divindades babilônicas. Por isso, os temas da luz e da criação dos luzeiros são trabalhados no primeiro dia e no quarto, o dia central na poesia.

Da mesma forma, o ponto alto do relato é reservado para tratar de outro tema importante para os exilados. Junto aos rios da Babilônia, eram escravos de guerra e trabalhavam sob dura servidão. Não tinham direito ao descanso semanal. E essa já era uma tradição em Judá, antes do exílio. Então, ao colocar o descanso de Deus no ponto de

chegada da narrativa, os autores estão reivindicando um dia de descanso a cada sete dias, da mesma forma como Deus também descansou.

Este é um dia especial, pois foi santificado e abençoado. Ao mesmo tempo, é um dia que não tem fim. Interessante que o sétimo dia não termina. Não é repetido o refrão “houve uma tarde e uma manhã”.

Mas não é somente um dia para descansar. É também para fazer memória da presença de Deus no meio do povo e reunir a comunidade em celebração. Celebrar o Deus da vida, o Deus criador e libertador. O sábado é para proteger a vida e fazer memória do projeto de justiça e de solidariedade revelado na vida do povo na luta por vida digna em terra libertada, onde não se vive para trabalhar, mas se trabalha para viver. Quando a observância do sábado virou um rito legalista, Jesus lembrou que a lei do sábado deve estar em função da dignidade das pessoas e não o ser humano estar subjugado à letra da lei (Mc 2,23-28).

E, hoje, quais as condições de trabalho e de descanso? Qual a função do descanso? Por que a jornada de trabalho não é reduzida para 40 horas semanais? Nossos cultos celebram essa memória de Deus, presença libertadora entre nós? Que descanso damos à terra? Damos tempo para que possa se recuperar?

Concluindo, lembramos que o primeiro relato da criação pode nos ajudar muito a vivermos sempre mais uma espiritualidade ecológica. Porém, uma mística que não nos deixa de braços cruzados, mas nos conduz pelo caminho da defesa e promoção da vida, da superação de um sistema de morte, de modo que se torne realidade outro mundo mais comprometido com a justiça e com o cuidado da vida.

E esta espiritualidade é holística, integrando todas as formas de vida. Seu objetivo é levar-nos a uma profunda comunhão conosco mesmos, com as demais pessoas, com toda a natureza e com Deus. É uma comunhão tão íntima que nos torna radicalmente livres. E somente pessoas livres são capazes de amar incondicionalmente, de se doar totalmente no cuidado de toda criação da qual somos parte integrante.

Referências bibliográficas

MESTERS, Carlos e OROFINO, Francisco. A Terra é nossa Mãe. *A Palavra na Vida*, n. 235/236. São Leopoldo: CEBI, 2007, 88 p.

SCHWANTES, Milton. Gênesis 1-11. Vida, Comunidade e Bíblia. *A Palavra na Vida*, n. 231/232. São Leopoldo: CEBI, 2007, 68 p.

Ildo Bohn Gass
Cx. P. 1051 – Scharlau
São Leopoldo, RS
93121-970